



PARTIDO SOCIALISTA

ACERCA DO 1.º DE MAIO

ÚLTIMO ESCLARECIMENTO

Veio a União dos Sindicatos de Coimbra trazer a público um relato do que se teria passado durante as conversações preparatórias da manifestação unitária do 1.º de Maio. Esta comemoração, apresentada com a motivação aparente de exprimir a unidade dos trabalhadores, tinha como finalidade real, integrada numa manobra mais ampla que vinha sendo desencadeada a partir da vitória do P. S. nas eleições, minimizar a implantação do P. S. a nível dos trabalhadores em proveito de uma estrutura sindical que não os representa por não ter sido por eles eleita. Acresce que esta minimização seria ainda aproveitada por outras organizações que não conseguiram nas eleições demonstrar a sua implantação e mais não são do que verbalismo estéril e agressivo.

Querendo limitar o debate a factos apresentados de maneira parcial, procura-se escamotear o essencial — a saber: as questões políticas de fundo neste momento — e é sobretudo elas que nos interessa discutir, porque os factos não fazem mais do que exprimir uma política. E isto também para não entrarmos no jogo dos que querem limitar a discussão às encenações preparadas...!

Há assim que abordar:

- I — O apartidarismo que deveria nortear as organizações sindicais.
- II — A unidade dos trabalhadores e as suas implicações — O 1.º de Maio.
- III — As escolhas do Povo Português nas recentes eleições.

I — Começemos pelo primeiro ponto e analisemos o apartidarismo da U. S. C. sem querermos ir mais longe para já do que o documento amplamente difundido por esta organização sindical e referente à sua versão dos acontecimentos.

Na página 3 do seu comunicado, diz a U. S. C. não ter reconhecido autoridade ao P. S. para a forçar a *«retirar a palavra a outras formações políticas, porquanto isso nada mais representaria do que uma definição partidária, que esta União não pode fazer»*. Esta afirmação de apartidarismo (que corresponde, aliás, a um imperativo estatutário, mas que só é invocado perante uma posição do P. S.) está em contradição com outras afirmações contidas no mesmo comunicado e com a sua actuação concreta, de que destacamos as seguintes:

a) A U. S. C., tal como a Intersindical, conferiu a si própria o direito de definir quais são os partidos «com os quais se entende terá de ser levada em frente a nossa Revolução» (pág. 1), e por isso «apenas quis a colaboração total dos partidos que visam o Socialismo» (pág. 2).

Com base neste direito «auto» — conferido, a U. S. C. *decidiu* que os partidos com os quais terá de ser levada em frente a nossa Revolução eram o P. C. P., M. D. P./C. D. E., P. S., M. E. S. e F. S. P.

A U. S. C. decidiu, numa atitude que não se pode deixar de ver como claramente partidária, que, entre outros, a UDP (com um deputado na Constituinte), a FEC(ml), a AOC e o MRPP não «visam o Socialismo»!

Curiosamente, na página 1 do comunicado, a U. S. C. diz que «não pode reconhecer a nenhum desses partidos» (convidados a colaboração na manifestação) «voto de qualidade» que segregue outras forças progressistas! E como se verificou, de facto, a segregação de outras forças progressistas, fica bem claro porque esse «voto de qualidade» recusado ao P. S. foi conferido a outro ou outros partidos.

b) Para justificar a omissão do nome do P. S. na saudação e agradecimento final, o comunicado da U. S. C. diz que foram os «elementos dos partidos políticos presentes na tribuna» que pediram aos elementos da União dos Sindicatos que fossem porta-vozes da seguinte saudação: «A União dos Sindicatos de Coimbra sauda a Classe Operária, etc.». Quer dizer: até a saudação final feita pela União dos Sindicatos foi *ditada* pelos partidos que estavam representados na tribuna!

E assim a U. S. C., que não reconheceu ao P. S. «autoridade» para a forçar a retirar a palavra a outras formações políticas, reconheceu aos partidos que estavam na tribuna «autoridade» para «retirar» o P. S. de entre os «Partidos participantes desta grandiosa manifestação do 1.º de Maio!», ou seja, precisamente, o partido que mais contribuíra para a grandiosidade dessa manifestação!

E assim a U. S. C. confirma que tudo isso nada mais representa do que uma clara e inequívoca «definição partidária».

II — O comunicado do Secretariado da Zona Centro do P. S. de 29 de Abril, expunha claramente o que pensamos da unidade dos trabalhadores:

«... O Partido Socialista pensa que a marcha dos trabalhadores na via da sua emancipação tem de se fazer na unidade. Mas nem a unidade nem os trabalhadores são puras abstracções — os trabalhadores existem nas organizações sindicais e políticas que construíram na sua luta; e será através da unidade na prática dessas organizações, verdadeiramente representativas, que a real unidade dos trabalhadores será concretizada.

Assim aconteceu em todos os momentos em que o processo revolucionário esteve em perigo, como no 28 de Setembro e no 11 de Março.

Dentro desta linha de pensamento, o P. S. entende que os trabalhadores e as suas organizações representativas deverão associar-se à manifestação do 1.º de Maio para cuja participação foi contactada pela União dos Sindicatos de Coimbra.

Mas o que o P. S. não compreende — como já o disse em reunião tida com U. S. C. — é que se queira impor, quer à cabeça da manifestação quer na tribuna do comício que se lhe segue, representantes de organizações como o M. E. S. e a F. S. P., que nada mais representam que o seu verbalismo agressivo, reduzindo toda a sua actividade política a uma campanha de difamação do Partido Socialista, semeando a divisão entre as massas trabalhadoras.

Não rejeitamos a sua presença nas celebrações do 1.º de Maio.

Não podemos aceitar porém, que esses agrupamentos utilizem ao lado do P. S., que a toda a hora caluniam, mais uma tribuna para ofenderem os trabalhadores e um grande partido

que os representa (dos jornais: «Votaram no P. S. os trabalhadores enganados e a burguesia esclarecida» — Palavras de Nuno Teotónio Pereira, dirigente do M. E. S.).

Que fique bem claro: O P. S. sempre defendeu, defende e defenderá a unidade dos trabalhadores e as suas organizações representativas: mas o P. S. não aceita que se fomente a divisão, lançando para a frente grupos que são na prática os factores dessa mesma divisão...

Esta é a nossa posição sobre a unidade.

Norteadas por ela se processaram não só as nossas intervenções nas reuniões preparatórias à manifestação como também a nossa participação na própria manifestação e comício que se seguiu. Contrariamente ao propagado pelo Secretariado da U. S. C.

Assim

1) O P. S. só teve conhecimento dos festejos na Sereia, segunda-feira na conferência de Imprensa. (Aliás convocados para uma reunião foram postos perante os jornalistas). Tinha já começado a organizar a concentração — pic-nic — dos seus aderentes antes dessa data. Com o objectivo de confraternizar — o que não é proibido a ninguém — e facilitar a organização do cortejo unitário das 15 h. Fê-lo! E avisou disso a U. S. C. desde segunda-feira na reunião entre os seus representantes e os do secretariado da U. S. C. que se seguiu à gravação da conferência de Imprensa.

2) O cortejo do P. S. chegou, para se integrar na manifestação unitária, às 15 h. à praça da República, hora anunciada para a concentração pela U. S. C. Lá esperou que os ranchos convidados pela U. S. C. partissem na frente do cortejo. As bandeiras de alguns partidos abriram o cortejo. A do P. S. seguia atrás com um carro do P. S.. As 15 e 40 o cortejo estava imobilizado no início da Sá da Bandeira. Sem se ter em conta o calor tórrido e os desmaios por insolação já provocados.

Depois de se informarem das causas da paragem — o atraso dos representantes do M. F. A. segundo um dirigente da U. S. C. — os responsáveis e militantes do P. S. aconselharam que se continuasse lentamente por ser desmobilizador continuar à espera. Respeitando os compromissos de horário e da representação das diferentes bandeiras na cabeça da manifestação.

3) Ao cruzamento da Auto-Industrial os porta-bandeiras dos diferentes partidos e organizações abandonam a cabeça da manifestação. Sem explicações! Agora já vê a razão: era o de arranjar argumentos para acusar o P. S. de tomar de assalto a cabeça da manifestação! Era ou não era o P. S. o maior grupo que nela ia? A nossa manifestação de força não convinha, claro!

4) Ao chegar ao estádio Universitário a parte do cortejo onde se incorporavam os militantes do P. S. exprimiu inequivocamente o seu desejo de unidade entrando no estádio sob a palavra de ordem retomada por todos os presentes «UNIDADE-UNIDADE». E ninguém ouviu os militantes do P. S. gritarem slogans partidários, nem cantarem as suas canções. Será o mesmo verdade para as outras organizações? Ou ouvimos mal, ou o «Avante camarada» foi cantado a altas vozes.

III — O último ponto a tratar é o da escolha que o Povo Português acaba de fazer. Não conseguem os minoritários fazer esquecer a ninguém que são minoritários. Disse-o sem rodeios o Presidente da República: «Podem os intelectuais puristas discutir se o Povo votou exactamente o que queria, mas nem os puristas podem negar que o povo declarou vigorosamente *o que não queria*». Ora todas as manobras a que se assiste mais não são que a tentativa, mais que gorada, para chamar estúpido e inconsciente ao Povo Português. Será que os trabalhadores não vêem as

manobras que a U. S. C. está a tentar? Será que os trabalhadores querem continuar a ver a sua vida decidida nas suas costas por direcções auto-nomeadas e dependentes de partidos políticos?

O diálogo é necessário e a democracia a construir é a democracia dos trabalhadores. O debate que interessa não é o do que se passou ou não passou no 1.º de Maio. O que interessa debater é o que é ou não importante para o avanço do Socialismo em Portugal. É isto que nós não esquecemos, num momento em que os Sindicatos têm de usar o seu tempo a tratar das questões de trabalho que se agudizam a cada momento. Nós, que não somos sindicatos mas partido político pomos acima de nós os interesses dos trabalhadores. Vamos ou não defendê-los? Este o diálogo essencial.

CONTRA O DIVISIONISMO!

CONTRA O SECTARISMO POLÍTICO!

PELA UNIDADE DA CLASSE TRABALHADORA!

PELOS SINDICATOS LIVRES E REPRESENTATIVOS!

PELO PODER DEMOCRÁTICO DOS TRABALHADORES!

PELO SOCIALISMO!

A Federação Distrital de Coimbra do Partido Socialista